

# Gêneros textuais e morfossintaxe: reflexões sobre o ensino de gramática

## *Textual genres and morphosyntax: reflections on grammar teaching*

### **Suelen Sales da Silva**

Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *campus* Nilópolis  
ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-2758-8508>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2543310989445957>  
E-mail: [suelen.silva@ifrj.edu.br](mailto:suelen.silva@ifrj.edu.br)

### **Erica Sousa de Almeida**

Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *campus* Rio de Janeiro  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5585-5992>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7355291747232496>  
E-mail: [erica.almeida@ifrj.edu.br](mailto:erica.almeida@ifrj.edu.br)

### **Resumo**

O ensino de Língua Portuguesa, muitas vezes, não produz o efeito desejado de formação de leitores críticos. Com isso, elucidam-se lacunas que deveriam ser preenchidas a partir de um trabalho que não só priorize a análise sintática, mas também instrumentalize o aluno na aplicabilidade da língua nas mais diversas situações sociocomunicativas. Em muitos casos, a análise metalinguística sobressai em relação às atividades de leitura, de interpretação e de produção de textos, sem que se observe a sua importância nessas práticas. Pretende-se, neste artigo, apresentar modelos de análise de textos pertencentes a diferentes gêneros (KOCH; ELIAS, 2008), a fim de que, a partir das aulas, se possa ter o domínio de usos linguísticos em contextos sociocomunicativos. Foram selecionados textos pertencentes aos gêneros propaganda, manchete, notícia e poema, com o propósito de evidenciar que as escolhas morfossintáticas podem auxiliar na orientação argumentativa intencionalmente elaborada pelo locutor. Busca-se refletir, com base na análise desses textos, sobre estratégias que podem ser utilizadas a serviço da construção de sentido do texto.

Palavras-chave: Morfossintaxe, gêneros textuais, ensino.

### **Abstract**

*Portuguese language teaching often does not produce the desired effect of training critical readers. With this, gaps are elucidated that should be filled from a work that not only prioritizes syntactic analysis, but also equips the student in the applicability of the language in the most diverse socio-communicative situations. In many cases, metalinguistic analysis stands out in relation to reading, interpretation and text production activities, without observing its importance in these practices. It is intended, in this article, to present models of analysis of texts belonging to different genres (KOCH; ELIAS, 2008), so that, from classes, one can have mastery of linguistic use in socio-communicative contexts. Texts belonging to the genres advertisement, headline, news and poem were selected, with the purpose of showing that the morphosyntactic choices can help in the argumentative orientation intentionally elaborated by the speaker. The aim is to reflect, based on the analysis of these texts, on strategies that can be used in the service of constructing the meaning of the text.*

*Keywords: Morphosyntax, Textual genres, teaching.*

Data de submissão: 16/03/2023 | Data de aprovação: 13/09/2023

## **1 Introdução**

Segundo Travaglia (2005), existem três concepções de gramática, a saber: gramática normativa, gramática descritiva e gramática internalizada. A primeira diz respeito às regras de

bom uso da língua a serem seguidas pelos falantes, o que privilegia o domínio da variedade dita “padrão” ou culta e que nega outras formas que fujam dessa variedade. Nesse sentido, torna-se um tipo de abordagem reducionista ao promover o estudo da língua de forma descontextualizada, reduzindo as aulas de português a atividades metalinguísticas. Na segunda concepção, a gramática descritiva, de acordo com o autor, centra-se na preocupação da descrição dos fatos da língua, compreendendo a análise linguística como um processo reflexivo no contexto de leitura e produção textual. Nesse caso, não se privilegia apenas a variedade “padrão” da língua, apesar de os critérios de avaliação serem essencialmente linguísticos. Já a terceira concepção, a gramática internalizada, corresponde ao conhecimento inato que o falante possui e que deve ser desenvolvido a fim de habilitá-lo a usar a língua de forma adequada às necessidades das diferentes situações comunicativas.

Com base nessas concepções, Travaglia (2005) discute sobre três tipos de ensino da língua: prescritivo, descritivo e produtivo. O primeiro tipo, atrelado à concepção de gramática normativa, busca levar o aluno a dominar os padrões de uso da norma culta, desprestigiando todas as demais variedades linguísticas. O segundo tipo tem como propósito mostrar o funcionamento da língua, que se constitui a partir da observação das gramáticas descritivas e normativas. O terceiro tipo pretende auxiliar o aluno a fazer uso dos recursos linguísticos disponíveis para as diferentes situações comunicativas.

Apesar das discussões amplamente divulgadas em torno do ensino de gramática, o modelo prescritivo ainda perdura em alguns contextos de sala de aula, baseando-se em extensas listas de classificações cujo objetivo principal se centra no domínio da nomenclatura gramatical brasileira. Como consequência desse processo, observam-se lacunas em relação a um ensino que pouco contribui para a formação integral de leitores e de produtores de textos. Nesse contexto, os alunos tornam-se espectadores, com frequência, de aulas distanciadas das práticas sociais em que se inserem.

No presente artigo, defende-se a ideia de que deve haver um ensino de gramática produtivo, de modo a levar os estudantes a ter o domínio dos mecanismos linguísticos que possam ser utilizados nos mais diversos contextos comunicativos. Nesse sentido, é importante que, em um ensino reflexivo de língua portuguesa, se apresentem variados textos pertencentes a diferentes gêneros textuais, correspondentes a práticas sociocomunicativas para cumprir funções sociais.

Serão propostos, na discussão, modelos de análise de gêneros textuais que poderiam constituir propostas de atividades em que os elementos linguísticos se tornem ferramentas para a construção de sentidos do texto. Em outras palavras, acredita-se que as escolhas morfosintáticas, por exemplo, auxiliam na orientação argumentativa intencionalmente elaborada pelo locutor. Foram selecionados, no escopo do trabalho, os gêneros *propaganda*, *manchete*, *notícia* e *poema* com o propósito de apresentar textos, construídos a partir de estruturas composicionais, conteúdos e estilos, com propósitos comunicativos específicos (KOCH; ELIAS, 2008).

No que concerne ao ensino da gramática, optou-se por focar na análise morfosintática a serviço da construção do texto. Em síntese, essa escolha se deve ao fato de que a forma

como as estruturas são combinadas em um texto não é aleatória, já que a presença/ausência e a ordem dos constituintes podem acarretar determinados efeitos de sentido.

## 2 Gêneros textuais e Ensino

O uso da linguagem constitui uma das maneiras pelas quais o indivíduo se projeta na sociedade. Os gêneros textuais, por sua vez, caracterizam-se como instrumentos para legitimar esse lugar nos contextos de que o usuário de uma língua participa. Dessa forma, o domínio dos gêneros amplia o seu poder de inserção social.

Assim como Bakhtin (2003), Marcuschi (2002) defende que a comunicação verbal ocorre a partir de um gênero textual, que se caracteriza por sua função comunicativa, sem que necessariamente esteja centrado em suas propriedades linguísticas e estruturais. Privilegia-se, portanto, a natureza funcional e interativa da língua em detrimento dos aspectos formais. No entanto, na construção dos gêneros, algumas estruturas linguísticas se tornam recorrentes, a depender do seu propósito comunicativo:

[...] embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sociocomunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero [...]. (MARCUSCHI, 2002, p. 22)

Também baseadas em Bakhtin, Koch e Elias (2008) afirmam que os gêneros textuais são práticas sociocomunicativas constituídas de um determinado modo, com certa função em dadas esferas de atuação humana, o que nos possibilita (re)conhecê-los e produzi-los sempre que necessário. No caso, um dos objetivos efetivos de uma aula em língua materna é oferecer autonomia necessária para que os estudantes se tornem leitores e produtores de textos, sabendo se posicionar ativamente na sociedade. As autoras defendem ainda que os indivíduos devem desenvolver uma competência metagenérica, à medida em que se expõem aos mais variados contextos sociais. Diante desse cenário, as práticas de leitura possibilitam o contato com diferentes gêneros textuais.

Apesar de os gêneros serem determinados por seu propósito comunicativo, podem se caracterizar, segundo as autoras, por sua composição, seu conteúdo e estilo. Do ponto de vista composicional, devem-se considerar tanto a organização quanto a distribuição dos elementos verbais e não verbais. Quanto ao conteúdo, considera-se a maneira como o tema pode ser apresentado a depender da função do próprio gênero. No que se refere ao estilo do gênero, são feitas escolhas linguísticas que podem sustentar a força argumentativa em alguns textos. É importante destacar, portanto, que o autor não deve ignorar as peculiaridades do gênero, podendo imprimir sua marca individual em textos que possibilitam maior carga de subjetividade.

Os elementos linguísticos selecionados pelo locutor - no nível fonológico, morfológico, sintático, semântico - determinam a construção de sentido do texto. Especificamente em

relação à análise morfossintática, acredita-se que a combinação dos elementos linguísticos cumpre um papel crucial na orientação argumentativa de um texto.

### 3 O Ensino de Morfossintaxe

O ensino de gramática tem sido tema recorrente em estudos linguísticos que apontam fragilidades não só quanto à metodologia como também aos objetivos que dizem respeito às aulas de língua portuguesa. Essa discussão foi amplamente explorada por Perini (1985), que trouxe a pauta de “que gramática ensinar na escola” e “qual metodologia utilizar”. Outros autores, como Koch e Elias (2008), defendem a necessidade de atrelar a análise linguística à leitura, interpretação e produção de textos. Dessa forma, acreditamos que o ensino de gramática deve oferecer condições ao aluno de dominar mecanismos linguísticos para serem utilizados nas diferentes situações de comunicação.

Aulas de língua portuguesa costumam ser questionadas por promover distanciamento entre teorias gramaticais e sua aplicabilidade na formação de leitores e produtores de textos. São observadas metodologias ineficientes quanto ao ensino de gramática por se centrar na identificação de classes e funções. Em **Morfossintaxe do período simples**: uma nova metodologia de ensino (SALES; ALMEIDA, 2020), mostramos que a análise morfossintática pode ser utilizada como ferramenta para leitura, interpretação e produção de textos. Nessa análise, propusemos o ensino de morfossintaxe a partir da análise da forma dos diferentes sintagmas e suas respectivas funções no contexto em que se inserem. Em síntese, acreditamos que as escolhas das estruturas morfossintáticas são essenciais para a orientação de um texto.

Propõe-se, neste artigo, apresentar caminhos para a produção de atividades que se apropriem de estruturas morfossintáticas como instrumento para ratificar as hipóteses interpretativas de um texto. Nosso objetivo é refletir sobre alguns princípios morfossintáticos em textos de diferentes gêneros, de modo a fornecer subsídios para que os estudantes possam desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Na análise dos textos, buscamos trazer reflexões que perpassam a análise morfossintática. Com o objetivo de esse tipo de análise à leitura, à interpretação e à produção de textos, sugerimos caminhos para a produção de questões em que as estruturas morfossintáticas cooperam para compreensão de diferentes gêneros textuais.

### 4 Análise de textos

O (re)conhecimento de diferentes gêneros textuais permite que se tenha contato com textos que fazem parte do convívio social. Nesse sentido, o objetivo do ensino de gramática deve estar atrelado à análise de estruturas que possam desenvolver as competências e as habilidades de leitura, de interpretação e de produção de textos.

No caso específico da Morfossintaxe, é importante destacar que as escolhas sintáticas não são aleatórias e estão a serviço da construção dos sentidos que se pretendem alcançar a depender do gênero textual em uso. Em outras palavras, a seleção de determinado sintagma acarreta tanto a organização dos constituintes na estrutura frasal quanto a orientação argumentativa que se busca conduzir em um texto. Assim, pode-se dizer que o uso de uma gramática que proporcione o domínio de recursos que auxiliem na construção de textos cumpre um papel que perpassa a análise linguística ao contribuir para práticas sociocomunicativas.

Como já foi dito anteriormente, nosso objetivo é apresentar propostas de ensino da Morfossintaxe a partir da análise de gêneros textuais, que são práticas sociocomunicativas relativamente estáveis para cumprir funções sociais. A seguir, seleciona-se uma propaganda da “Isto é gente”, cuja intenção é divulgar o perfil do veículo de comunicação para que as pessoas tenham interesse em adquirir a revista.

Figura 1 - Divulgação da revista *Isto É Gente*.



Fonte: Isto É Gente. Disponível em <https://brainly.com.br/tarefa/3030407>. Acesso em: 28.Set.20

O primeiro momento de análise com os alunos pode ser a discussão sobre o gênero propaganda, ressaltando a sua finalidade persuasiva na sociedade. Para tanto, o locutor se apropria de recursos linguísticos que sustentam suas intenções comunicativas. Nesse caso, a revista busca camuflar a parcialidade geralmente associada aos canais midiáticos ao defender que veicula conteúdos de personalidades que vivem tanto em “castelos” (pessoas de origem nobre) quanto em “palácios” (políticos ou chefes de estado) sem, portanto, privilegiar grupos de poder no Brasil. Do ponto de vista morfossintático, os sintagmas preposicionais [em castelo] e [em palácios], com função de adjuntos adverbiais de lugar, são constituídos por elementos lexicais que contribuem para a interpretação do texto.

Em um segundo momento, é possível identificar outros elementos morfossintáticos necessários para a construção de sentido dos enunciados. A revista parte do uso de um prefixo “in”, elemento morfológico, que, no contexto, se apresenta como uma palavra, cumprindo papel lexical. Vale ressaltar que o ensino de gramática deve considerar a língua em uso e não estar estritamente ligada à norma prescrita pela gramática padrão.

No texto em questão, pode-se observar a presença do “in” figurando como prefixo nos sintagmas adjetivais [investigativa], [indiscreta], [instigante] e como modificador (adjetivo) do núcleo do sintagma nominal [uma revista in]. Uma forma de confirmar que o “in” cumpre a

função de um adjetivo é a possibilidade de substituição por outro adjetivo correspondente. Outro aspecto a destacar é a restrição quanto à mobilidade desse modificador no sintagma nominal [uma revista **in**]. Nesse caso, não seria possível essa mobilidade (como “uma in revista”), já que esse é um caso atípico: em português, “in” não costuma funcionar como adjetivo, mas sim como um elemento constituinte de uma palavra (prefixo).

O segundo gênero textual sugerido para discussão é a notícia de jornal, que tem como propósito trazer informações sobre as rotinas sociais. Vale destacar a importância de análise desse gênero pelo fato de ser um texto recorrente por trazer referências do mundo real, mas que pode ser manipulado a depender da intencionalidade do locutor/jornal, ou até mesmo, das construções sociais historicamente enraizadas no imaginário coletivo.

Observe, atentamente, a notícia a seguir, veiculada no **Portal G1**:

#### **Mulher é morta e marido morre atropelado por caminhão na Grande Florianópolis**

Uma mulher de 27 anos foi encontrada morta na noite de segunda-feira (26), em São João Batista, na Grande Florianópolis. Conforme a Polícia Militar, a suspeita é que o marido de 30 anos tenha a asfixiado e depois cometido suicídio, atropelado por um caminhão.

A PM foi acionada às 23h55 no Centro. Daiane da Silva Martins foi encontrada em casa, trancada no quarto do casal. Ela estava nua e com marcas no pescoço.

Conforme a PM, a mãe de Daiane encontrou a filha e acionou a polícia. Na casa, três filhos da vítima dormiam e ficaram sob custódia da avó.

Ainda segundo a PM, a suspeita é que o casal tenha brigado e o homem cometido o crime. No quarto, também foi encontrado um bilhete escrito a mão, assinado pelo marido, Cleber Machado Camargo.

A reportagem procurou a Polícia Civil e o Instituto Geral de Perícias (IGP) para mais informações sobre a investigação, sem resposta até a publicação desta notícia.

#### **Atropelamento**

O homem foi atropelado por um caminhão na SC-410, na altura no km 23, no bairro Krequer, por volta das 22h. O caminhoneiro aguardou a chegada da PM a cerca de 100 metros do corpo. Segundo o caminhoneiro, o homem teria se atirado nas rodas traseiras do caminhão. O condutor informou que não houve tempo de parar o caminhão. Cleber morreu no local do atropelamento.

(Mulher é morta e marido morre atropelado por caminhão na Grande Florianópolis. **Portal G1**, 2018. Fonte: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/11/27/mulher-e-morta-e-marido-morre-atropelado-por-caminhao-na-grande-florianopolis.ghtml> . Acesso em 25 jul.22)

Como se pode verificar, em uma notícia, há, além do escopo do texto, o que denominamos por manchete, que, apesar de fazer parte da estrutura composicional do gênero, pode ser considerado mais do que um simples recorte do assunto a ser abordado na notícia, de modo a configurar um gênero textual independente.

O gênero manchete corresponde a um título de uma notícia, geralmente em destaque, para chamar a atenção dos leitores. Uma estratégia interessante no processo de leitura e interpretação de um texto seria a análise dessa manchete, que cumpre o propósito de sintetizar as informações que aparecerão posteriormente. É possível, então, notar que as estruturas morfossintáticas selecionadas podem promover a orientação argumentativa do texto. Por exemplo, na manchete, há duas orações que estão em vozes verbais distintas:

**[Mulher é morta] e [marido morre atropelado por caminhão na Grande Florianópolis]**

No caso da primeira oração, em voz passiva, há a ausência do sintagma que representaria o agente da passiva. A omissão dessa estrutura na manchete impede que o leitor tenha a informação de quem teria sido o algoz da mulher, o que comprova o fato de as escolhas morfossintáticas poderem orientar a interpretação de um texto.

Após a análise independente dessa manchete, o leitor pode levantar hipóteses sobre o caso noticiado antes da leitura do texto. Em seguida, pode-se verificar se a interpretação da notícia corresponde às expectativas criadas a partir da manchete, pois, somente após a análise do texto integral, é que entendemos que a mulher provavelmente foi morta pelo marido e ele se suicidou depois, jogando-se na frente de um caminhão.

Como se pode notar, o uso de manchetes é bastante interessante para a análise de estruturas morfossintáticas. Como se observa frequentemente na mídia, alguns canais exibem eventos e assuntos de maneira exagerada para aumentar a audiência dos telespectadores e de leitores. Nesse caso, as escolhas linguísticas são utilizadas para a manipulação dos interlocutores, trazendo informações tendenciosas com, algumas vezes, abordagens polêmicas e/ou com fatos que podem ser intencionalmente omitidos.

A fim de discutir a intencionalidade dos diferentes veículos de comunicação, optou-se por selecionar outras manchetes do mesmo fato social apresentado anteriormente:

(A)

**Mulher é morta pelo marido que morre atropelado  
por caminhão logo após**

(Mulher é morta pelo marido que morre atropelado por caminhão logo após. **Notícias Chapecó**, 2018. Disponível em <https://www.chapeco.org/noticias/21009/mulher-e-morta-pelo-marido-que-morre-atropelado-por-caminhao-logo-apos/>. Acesso em 25 jul.22)

(B)

**Marido mata mulher e morre atropelado por caminhão em SC**

(Fonte: Marido mata mulher e morre atropelado por caminhão em SC. **Correio**, 2018. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/marido-mata-mulher-e-morre-atropelado-por-caminhao-em-sc/>. Acesso em 25 jul.22)

Ao fazer uma comparação entre essas duas últimas manchetes e a primeira, percebe-se que a escolha das vozes verbais e a construção de sintagmas promovem uma interpretação mais condizente com os fatos apresentados na notícia integral. Na manchete A, a voz passiva está marcada também pela presença do agente da passiva [pelo marido]. Na manchete B, a oração está na voz ativa: [Marido] mata [mulher]. Essas construções deixam claro quem foi o autor do crime, diferentemente do que vimos na primeira manchete, em que a supressão do sintagma com função de agente da passiva provocou, de forma intencional, a omissão de uma informação crucial para a interpretação do texto.

Nas três manchetes dos distintos jornais, pode-se considerar o caminhão como o único agente da morte do marido. Mais uma vez, reforça-se a necessidade de lermos a notícia por completo, entendendo que a sua verdadeira *causa mortis* não pode ser atribuída especificamente ao veículo, já que o homem foi o agente da ação do atropelamento ao cometer suicídio, jogando-se na frente do caminhão.

Percebe-se, portanto, que o gênero manchete busca seduzir o leitor para a leitura do texto, mas nem sempre reproduz informações fidedignas à notícia veiculada. Com isso, o trabalho com a análise desse gênero se torna de suma importância para a formação de leitores críticos, ao passo que é possível se apropriar de conhecimentos linguísticos com propósito de aprofundar sua competência comunicativa.

A fim de diversificar a análise de gêneros textuais, propõe-se a análise de um poema, que tem como objetivo evocar sentimentos e emoções. Em alguns casos, pode promover reflexões de cunho político-social e filosófico. Formalmente, pode ser escrito em versos e em estrofes e apresentar recursos de natureza rítmica. Para a discussão, foi selecionado o poema “Não há vagas”, de Ferreira Gullar:

#### NÃO HÁ VAGAS

O preço do feijão  
não cabe no poema. O preço  
do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
a luz o telefone  
a sonegação  
do leite  
da carne  
do açúcar  
do pão

O funcionário público  
não cabe no poema  
com seu salário de fome  
sua vida fechada  
em arquivos.  
Como não cabe no poema  
o operário  
que esmerila seu dia de aço  
e carvão  
nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,  
está fechado:  
“não há vagas”

Só cabe no poema  
o homem sem estômago  
a mulher de nuvens  
a fruta sem preço

O poema, senhores,  
não fede  
nem cheira

(GULLAR, F. Não há vagas. **PROPESD**, 2021. Disponível em <https://prosped.com.br/arte/poema-nao-ha-vagas-de-ferreira-gullar/>. Acesso em: 21 nov.21).



Observa-se que o texto “Não há Vagas” é dividido em duas partes: elementos que não cabem e que cabem no poema. É relevante destacar como o uso dos recursos morfossintáticos, assim como nos gêneros textuais anteriores, contribui para a interpretação do texto. Os sintagmas nominais relacionados à primeira parte estão coordenados em uma espécie de lista grande de elementos que não são contemplados na poesia não engajada: [O preço do feijão], [O preço do arroz], [O gás], [A luz], [O telefone], [A sonegação do leite, da carne, do açúcar, do pão], [O funcionário público], [O operário]. Por outro lado, os sintagmas nominais relacionados à segunda parte trazem uma pequena lista de elementos que podem estar presentes na poesia engajada: [O homem sem estômago], [A mulher de nuvens], [A fruta sem preço].

Na análise do poema, é possível identificar o processo sintático da coordenação dos sintagmas, o que reforça a autonomia de cada elemento que, quando colocados em uma sequência enumerativa, trazem robustez à crítica veiculada pelo poema. No caso, afirma-se a ideia de que a poesia não contempla muitos elementos ligados à sobrevivência e à existência humana.

Outro aspecto morfossintático relevante no poema “Não há Vagas” seria a ordenação dos constituintes da sequência. De acordo com a ordem canônica do português, primeiro há a presença do sujeito (S), depois do verbo (V) e só, logo após, dos eventuais complementos e adjuntos adverbiais (C), respectivamente (SVC). Nesse caso, o sujeito aparece depois de o verbo caber: o gás, a luz, o telefone, a sonegação do leite, da carne, do açúcar, do pão. Essa inversão se dá pela natureza morfossintática do verbo caber, que costuma projetar sujeito posposto, o que pode levar a desvios de concordância. Além disso, pode atender ao propósito de destacar o sintagma verbal [não cabem no poema], que foi apresentado no verso anterior, reforçando essa informação a que se quer dar ênfase.

Ainda sobre a primeira estrofe, percebe-se que, apesar de haver uma coordenação entre sintagmas nominais, não há intencionalmente o uso de vírgula. Essa ausência pode estar relacionada à falta de condições essenciais para uma vida digna.

Como crítico de alguns de seus contemporâneos, Gullar resgata uma discussão sobre o papel do poeta e da poesia na sociedade. Para tanto, finaliza seu texto da seguinte maneira: “O poema, senhores,/não fede/nem cheira.”. Questiona-se o fato de muitos poetas estarem mais preocupados em apresentar um mundo idealizado (pessoas como um “homem sem estômago”, uma “mulher nas nuvens” e natureza como “fruta sem preço”) do que os problemas sociais, tais como o preço dos produtos e as relações trabalhistas. Fica claro no poema que, segundo o eu lírico, a poesia deve cumprir a função de protesto às condições marginais presentes na sociedade.

Por fim, é interessante destacar a relação entre o título do poema e o contexto em que se encontra esse tipo de frase. É comum encontrar o enunciado “não há vagas” quando se busca um emprego. A presença dessa estrutura suscita a reflexão sobre os problemas sociais enfrentados pelos trabalhadores brasileiros, que costumam ter dificuldades de se alocar no mercado de trabalho.

## 5 Considerações finais

A partir da discussão sobre caminhos possíveis para ensino de gramática, podemos refletir acerca dos desafios para que aulas de língua portuguesa se utilizem do conhecimento linguístico a serviço da formação de leitores e produtores de textos. Na nossa proposta, partimos de textos pertencentes a diferentes gêneros textuais a fim de que os estudantes possam reconhecer e produzir textos de acordo com as mais diversas necessidades comunicativas.

A opção pela análise de estruturas morfossintáticas deve-se ao entendimento de que a organização dos elementos em uma sentença cumpre uma orientação argumentativa desejada pelo locutor. Como vimos, a ordenação dos elementos, bem como a sua presença e ausência, por exemplo, são determinantes para o efeito de sentido do texto. Em suma, defendemos que a análise linguística não seja feita de maneira descontextualizada a partir da classificação de termos e sentenças, mas que possa fornecer os mecanismos linguístico-textuais necessários para a comunicação.

Vale ressaltar que nossa proposta de análise não apresenta a pretensão de esgotar o tema. Mesmo que há algumas décadas já se tenha refletido sobre o ensino de gramática e sua eficácia, acreditamos que ainda são necessárias discussões sobre “que gramática ensinar na escola” e, principalmente, “qual metodologia utilizar” (PERINI, 1985 e 2000).

## Referências

- ALMEIDA, Erica; SALES, Suelen. **Práticas de ensino na morfossintaxe**: propostas de atividades. Rio de Janeiro: Autografia, 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FIORIN, José L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais x ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Ática, 1985.
- PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2000.

SALES, Suelen; ALMEIDA, Erica S. Morfossintaxe do período simples: uma nova metodologia de ensino. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 209-221, jul./dez. 2020.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

